

ERA DE UM VERMELHO INTENSO

Tatiana de Freitas Massuno¹

tatiana.massuno@gmail.com

Era de um vermelho intenso. Desses de ferida aberta. Vermelho vivo que jorra, escorre, que anuncia um perigo iminente. E se não mais estancasse? E se seu corpo desistisse, assim de uma hora para outra, não mais se curar? Se abrisse mão, no meio do caminho, sendo o esforço imenso para um corpo já debilitado? Se resolvesse apenas se deixar sangrar? Até a morte? A ideia pareceu-lhe estúpida no mesmo momento em que veio. Balançando a cabeça, de um lado a outro, incrédula da estupidez que lhe havia acometido, negava que o pensamento pudesse ter surgido de si. Não, não pensei isso. Pensaram por mim, talvez. Ou então, são esses dias. Sentia-se mórbida. Era somente isso. Quando o corpo assim sangra, quando se vê o próprio sangue de si sair quase sem interrupção, sem ao menos poder pará-lo por um momento sequer, não há como ali não deparar a fragilidade de ser nada mais, nada menos que um corpo. Um corpo que sangra, que dói, que se contorce, que parece não obedecer aos desígnios mentais que deveriam controlá-lo. Mas por quê? Por que controlaria o pensamento o corpo, quando a todo o momento o corpo se quer quase como uma instância autônoma? Sinto menos dor quando penso que queria sentir menos dor? Tenho menos sono quando preciso ficar acordada durante a noite? Consigo dormir quando quero? Exatamente quando quero? Se assim realmente é, me diz, ó pensamento supremo, por que ontem, exatamente há sete horas, rolava de um lado a outro da cama, olhava para o teto clamando para que conseguisse, por alguns minutos que fossem, fechar os olhos e apenas adormecer, esquecer o dia, esquecer que havia um corpo, um mundo, uma cama, esquecer apenas e me deixar embalar por esse nada apaziguador que nos soterra durante o sono? Me diz por que, por mais que pensasse em adormecer, tendo a mente posta insistentemente, como um mantra, repetindo de mim para mim que precisava dormir, que queria dormir, o sono não vinha, os olhos não fechavam e os ouvidos pareciam ouvir ao longe e de perto todos os sons da cidade, juntos, amalgamados, quase que numa explosão. Da cigarra ao trem, do morcego ao bar a três quadras daqui, da coruja ao silêncio, que, às três horas da manhã, incomodava mais que tudo. Como dormir. quando parecia ser o único ser no mundo? Quando o silêncio inundava tão completamente meus ouvidos, que, imersa no silêncio maior, meus pensamentos pareciam

¹ Doutora em Literatura Comparada (UERJ).

gritos intermitentes que ecoavam perfeitamente em um recinto capaz de elevá-los, os gritos, os sons, o pensamento, a alturas e distâncias sem fim? Agora, me diz como dormir quando o corpo acorda o pensamento? Como dormir quando os dois – corpo e pensamento – entram em competição para ganhar, garantir o prêmio maior: isso que sou eu? Nem corpo, nem pensamento, uma instância, outra, terceira ou quarta, controlada pela competição extrema daquilo que deveria ser eu. Daquilo que deveria controlar, mas que, ao contrário, me leva de um lado a outro, que me instala pensamentos que, posso quase jurar que não são meus, que executa atos contrários a qualquer vontade ou bom senso que possa vir a me reger. Como dormir, quando sou apenas um joguete daquilo que deveria ser. Eu?

Posicionou a mão no baixo ventre. Apertou o mais que pode. Queria ali controlar o corpo, o fluxo, a dor de fundo que incomodava. Não era uma dor intensa, dessas que nos deixam sem voz, sem ação, era uma dor que não passava, que calmamente tomava conta dos outros sentidos. Que há três dias decretara que seria ela – a dor- a soberana de tudo que poderia reger seu corpo. De pouco em pouco, com sua presença quase que imperceptível, tornava-se única. De seu papel de mero coadjuvante, ganhara pela insistência, perseverança, foco central e agora, posso quase jurar, que ela se esquecera de todo o resto e pensava apenas nisto: na dor que não passava. Que há três dias vinha sendo acompanhada por um incômodo, logo ali, no baixo ventre, que não cessava. Consegue imaginar isto: um incômodo tão presente que se torna quase parte de si? Consegue imaginar isto: viver durante três dias com a sensação de uma formiga que caminha pelo braço e não poder fazer nada contra isso? Talvez o exemplo tenha sido ruim, mas há de convir que uma formiga é um inseto talvez dos mais insignificantes pelo tamanho que possui. E há de convir também que uma formiga caminhando pelo braço não causa um grande estrago, é apenas uma sensaçãozinha, um pequeníssimo incômodo. Agora pergunto: ao longo de três dias, digo, três dias seguidos, quem pode ainda dizer que é apenas um incômodo? Quem pode dizer que não se tornou – a formiga, a insignificante pequena formiga que caminha pelo braço – o foco dos dias? Levando qualquer um à loucura? Talvez a formiga não tenha sido o melhor exemplo. Pense, então, em um mísero fio de cabelo na boca. Um fio de cabelo que há três dias não se consegue eliminar.

Apertou o ventre o mais que pôde. Aliviava um pouco o incômodo. Auxiliava também expulsar o sangue coagulado, vivo e não fecundado, que, em porções, saía de si. O mesmo sangue que daria vida, que seria vida, que geraria vida. O mesmo sangue que agora, expulso de seu corpo, era apenas isto: símbolo de uma vida não gerada, símbolo de algo tão anormal como um aborto mensal. Era isto: todo mês expulsava de si, por um sangue que de nada mais valia, que fora a única chance que tinha de gerar algo bom – uma nova vida. Todo mês aquele

incômodo anunciava a sua incapacidade de ser ela a portadora de uma nova vida, de ser ela aquela que anunciaria ao mundo uma vida, gerada dentro de si, isso, por ela mesma, e o choro da criança que, do parto trazida ao mundo, decretaria a todos aquilo que seria sua maior criação: uma vida, gerada, nutrida, formada, assim, dentro de si. Uma vida, em seu útero, no berço de toda a humanidade. No início, em todo início, havia um útero, escuro, úmido, oco, cavernoso. No início era apenas um útero. Não o seu. No seu, nada era gerado. Ambiente inóspito que servia apenas para a expulsão de um sangue sujo, expurgo do corpo, sangue sem vida. Sentia-se mórbida. Pela morte do feto infecundo? Talvez nem pensasse nisso. Afinal, quem tem tanta consciência do que sente ou pensa quando vê o sangue que sai de si?